

Análise da Identidade Lésbica em Casual: Reflexões sobre videoclipes, música, mainstream e formação de identidades¹

Ana Carolina BASTOS²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

O presente trabalho se propõe realizar uma análise de como a temática da identidade lésbica é retratada no videoclipe *Casual* (2023) da cantora estadunidense assumidamente lésbica Chappell Roan. Para tal, utilizaremos a proposta teórico-metodológica do projeto *Videoclipe e Identidade* desenvolvido por Sigiliano, Guida e Borges (2022) no âmbito do Observatório da Qualidade no Audiovisual, explorando a questão de como os elementos estéticos e intertextuais dos videoclipes compõem estes produtos de forma a abordar temas relacionados à identidade. Ademais, buscamos refletir sobre a construção identitária da comunidade lésbica, seu posicionamento na indústria da música mainstream atual e a colaboração de produtos culturais, como a música e o videoclipe para a organização e mobilização de grupos queer.

PALAVRAS-CHAVE: identidade lésbica; musicalidade lésbica; videoclipe; chappell roan.

INTRODUÇÃO

Afinal, o que pode ser considerado como *mainstream*? Da tradução do inglês para o português, a palavra *mainstream* significa “convencional” e este adjetivo, por sua vez, ancora seu significado em algo estabelecido, normatizado, que segue ou resulta de um conjunto de padrões ou regras.

Em termos gerais, é possível afirmar que a heterossexualidade é *mainstream* e o que se opõe a este padrão - no que se refere às identidades LGBTQIA+ -, não é *mainstream* (Taylor, 2013). E quando trazemos esta questão para a existência de mulheres lésbicas, a problemática da heterossexualidade enquanto uma instituição política convencional que exerce poder sobre as mulheres e outras minorias sexuais se confirma por meio de autoras como Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (1990).

Em sua obra *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, originalmente publicado em 1980, Rich (2010) argumenta que o patriarcado manipula a sexualidade feminina e impõe a heterossexualidade como norma, resultando em desvantagens

¹ Trabalho apresentado no GP12 - Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bacharel em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Observatório da Qualidade no Audiovisual (UFJF/UAlg). E-mail: ana.bastos-machado@unesp.br

econômicas e psicológicas para as mulheres. Já Wittig (1990, p.57, tradução nossa)³, introduz o conceito de *straight mind* (pensamento hétero) quando afirma que “as lésbicas não são mulheres”, pois a mulher só tem significado dentro dos sistemas heterossexuais estabelecidos. Dessa forma, percebemos que a identidade do ser uma mulher lésbica é amplamente construído na ideia do não ser uma mulher heterossexual.

Todavia é importante salientar que o debate acerca da formação de identidades é permeado por subjetividades. Por mais que haja um imaginário social que perpetua estereótipos relacionados a um fenômeno unitário e característico relacionado a determinados grupos sociais e/ou políticos, este processo é afetado por questões que variam entre os indivíduos envolvidos, o tempo e o espaço (Esterberg, 1994).

Para este trabalho, consideramos a centralidade da cultura e seu papel constitutivo na vida e ação social do indivíduo, defendida por Stuart Hall (1997). Para Hall (1997), a ação social seria caracterizada por um repertório de possibilidades de identificação, provenientes dos muitos e variados sistemas de significado utilizados pelos seres humanos para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Além disso, o teórico explica que a ação da cultura na sociedade possui um aspecto epistemológico, pois orienta na construção de saberes e na compreensão do mundo à nossa volta.

Logo, trazendo nossas reflexões de volta à mídia *mainstream*, a proposta deste artigo é promover uma discussão sobre a representação da identidade lésbica na indústria da música atual. Para tal, utilizaremos como objeto de pesquisa o trabalho da cantora lésbica estadunidense Chappell Roan, que recentemente se figurou como uma estrela pop em ascensão com seu álbum de estreia *The Rise and Fall of a Midwest Princess* (2023). Nosso foco em específico é analisar a identidade lésbica no videoclipe da música Casual, lançado em março de 2023. A obra retrata o relacionamento amoroso entre uma mulher e sereia, que eventualmente se torna disfuncional conforme as diferenças entre as realidades das duas impactam no andamento da relação. Para esta análise, utilizaremos o percurso metodológico do projeto *Videoclipe e Identidade* desenvolvido por Sigiliano, Guida e Borges (2022) no âmbito do Observatório da Qualidade no Audiovisual⁴.

³ Original: “Lesbians are not women”.

⁴ O Observatório da Qualidade no Audiovisual é um projeto integrado ao grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Literacia Midiática da Faculdade de Comunicação da UFJF. Busca aliar ensino, pesquisa e extensão, colocando em

IDENTIDADE LÉSBICA E A INDÚSTRIA DA MÚSICA MAINSTREAM

Ao fazer um histórico de como a chamada musicalidade lésbica se desenvolveu ao longo do tempo, Jodie Taylor (2013) destaca alguns momentos chave, sendo estes a) o surgimento o gênero womyn's music na década de 1970; b) a chegada do womyn's music nas gravadores mainstream no final da década de 1980/início da década de 1990; c) as 'riot dykes' na década de 1990; e d) as 'celesbians' dos anos 2000.

O termo womyn's music surgiu como consequência do feminismo lésbico e como “uma reação contra o heteropatriarcado e a política de poder sexista que dominava os estilos rock e pop defendidos pela indústria musical da época” (Taylor, 2013, p.40, tradução nossa)⁵. No final da década de 1980 e início de 1990, as artistas womyn's music passaram a ter mais abertura para assinar com grandes gravadoras do mainstream, acreditando que precisavam desafiar as restrições da indústria para passar a mensagem do gênero para o grande público. Todavia, o ambiente para artistas femininas, sobretudo lésbicas, era hostil e este período foi extremamente caracterizado pela falta de explicitude sexual e repressão da lesbianidade na música (Taylor, 2013). Após este período conturbado, as 'riot dykes' surgiram nos anos de 1990 para reativar a crítica ao capitalismo e o heteropatriarcado, indo contra a negatividade sexual e as concepções anteriores de um feminismo lésbico branco e sem diversidade.

Nos anos 2000, as 'celesbians', celebridades denominadas falsas lésbicas, ganharam os holofotes na indústria da música, propagando o lesbianismo no mainstream de uma forma hiper-glamourizada e sob o olhar de mulheres heterossexuais. Taylor (2013) pontua que foi decepcionante que as narrativas lésbicas reais foram totalmente ofuscadas, no entanto as celesbians poderiam ser um indicativo de que a música pop mainstream poderia ser mais receptiva às lésbicas e demais artistas queers no futuro.

Considerando o que discutimos neste tópico sobre a história da musicalidade lésbica, sua importância para a construção de identidade e organização da comunidade lésbica, além de todo o preconceito enfrentado pelas mulheres musicistas que encaravam restrições ao exporem a lesbianidade em sua próprio trabalho, é de extrema

diálogo os conceitos de qualidade audiovisual e literacia midiática. Disponível em: <https://observatoriodoaudiovisual.com.br/>. Acesso em 28 jul. 2023.

⁵ Original: “[...] a reaction against the heteropatriarchy and the sexist power politics that dominated the rock and pop styles championed by the mainstream music industry of the time.”

importância que a arte produzida por mulheres queers seja, não apenas consumida, mas também foco de estudos acadêmicos.

METODOLOGIA

Para a reflexão deste trabalho, iremos adotar a proposta teórico metodológica do projeto *Videoclipe e Identidade* desenvolvido por Sigiliano, Guida e Borges (2022) no âmbito do Observatório da Qualidade no Audiovisual. O objetivo desta metodologia é “refletir sobre a forma como a identidade e os temas que perpassam este conceito são abordados nos videoclipes e os elementos estéticos e intertextuais que compõem estes conteúdos audiovisuais”(Sigiliano; Guida; Borges, 2022, p.268).

A abordagem teórico metodológica é norteada a partir do *Plano da Expressão*, do *Plano do Conteúdo* e da *Mensagem Audiovisual*. Os indicadores do *Plano na Expressão* abarcam o conteúdo audiovisual a partir dos elementos estéticos, sendo eles a ambientação, os efeitos sonoros, a fotografia e a edição. Os indicadores do *Plano do Conteúdo* são pautados pelos estudos de Holzback (2016), Soares (2013), Goodwin (1992) e Bezerra e Covaleski (2016). Neste plano são considerados o tema (como o videoclipe trata o tema identidade), a intertextualidade, o estereótipo e o *storyline*. Na *mensagem audiovisual* (Borges, 2014) são observados os seguintes indicadores, inovação, ou seja, “[...] em que medida o programa apresenta um formato diferenciado e ideias novas que surpreendem o público” (Borges, 2014, p. 69), originalidade, que reflete os “[...] termos do formato, da apresentação e da abordagem do tema” (Borges, 2014, p. 69) e a qualidade artística que sistematiza a proposta do videoclipe, presente nos códigos visuais, sonoros, sintáticos e gráficos.

ANÁLISE E RESULTADOS PRÉVIOS

Neste trabalho, iremos analisar a identidade lésbica representada pelo videoclipe da música *Casual* (2023) de Chappell Roan. Chappell é uma artista assumidamente lésbica e seu trabalho musical costuma abordar temáticas como descoberta da sexualidade, heterossexualidade compulsiva e relacionamentos entre duas mulheres. Esteticamente, a cantora adota a montagem drag queen para sua persona artística, utilizando perucas grandes, maquiagem extravagante e roupas brilhantes. Sua arte é essencialmente queer e exalta a feminilidade e o lesbianismo.

Em Casual, Chappell descreve um relacionamento entre pessoas que têm expectativas diferentes. Enquanto o eu lírico enxerga a relação como um relacionamento sério e profundo, a segunda pessoa conta para os seus amigos que tudo não passa de algo casual, referenciando o título da canção. O enredo do videoclipe apresenta a história de um romance entre uma mulher humana, representada por Chappell, e uma sereia. As duas se conhecem quando a personagem de Chappell vai passear em uma praia e avista um homem sangrando e fugindo do mar, ele está assustado e alerta que a menina deve manter distância da área. Ao se aproximar do mar, Chappell conhece a sereia, que está com seus dentes protuberantes ensanguentados após atacar o homem da cena anterior, e se apaixona pela criatura à primeira vista. As duas vão para a casa de Chappell, onde passam um tempo juntas e se beijam submersas em uma piscina. Quando as duas estão juntas em público e Chappell tenta se aninhar no ombro da sereia, a mesma a afasta quando percebe que dois homens observam as duas. Neste momento, a sereia coloca o cabelo para trás enquanto olha para os homens de uma maneira flertiva. Em outra cena Chappell se depara com a companheira com a boca ensanguentada, sugerindo que ela continua atacando homens na praia. O desfecho do videoclipe não tem um final feliz para o casal, a sereia retorna ao seu habitat e Chappell observa enquanto a criatura leva mais um homem para ser abatido no mar.

Afim de apontar resultados prévios para esta análise, percebe-se que a identidade lésbica é amplamente retratada no enredo do videoclipe, destacando a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), um sentimento experienciado por muitas lésbicas ou sáficas que se sentem obrigadas a performar a heterossexualidade. Essa situação é representada pela sereia que não consegue se comprometer em um relacionamento com uma outra mulher. A sereia que devora os homens em alto mar poderia ser uma referência ao termo popular em inglês *meneater* (devoradora de homens). Além disso, outros pontos característicos da identidade lésbica podem ser identificados, tais quais o anseio romântico, que se refere “a mais do que reconhecer uma identidade lésbica; reconhece e celebra o sexo e o desejo lésbico” (Reger e Heintz, 2024, p.144, tradução nossa)⁶; a homofobia internalizada, que se refere a reivindicação da identidade lésbica de forma individual; e a homofobia social, que se refere ao

⁶ Original: “[...] more than acknowledging a lesbian identity; it recognizes and celebrates lesbian sex and desire.”

preconceito coletivo (Reger e Heintz, 2024), representada pelos homens que observavam o casal com olhares julgadores e condenativos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, B.; COVALESKI, R.. Pós-Modernidade, Entretenimento e Consumo Midiático: a Narrativa Intertextual Bad Blood. **Rumores**, v. 10, n. 19, p. 190-208, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/109269>> . Acesso em: 28 jun. 2024.

BORGES, G. **Qualidade na TV pública portuguesa: Análise dos programas do canal 2**.. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

ESTERBERG, K. G. Being a lesbian and being in love:: Constructing identity through relationships. **Journal of gay & lesbian social services**, v. 1, n. 2, p. 57–82, 1994.

GOODWIN, A. **Dancing in the distraction factory: music television and popular music**. Mineápolis: University of Minnesota, 1992.

HALL, S. The centrality of culture. In: THOMPSON, K. (Ed.). **Media and Cultural Regulation**. London, England: SAGE Publications, 1997.

HOLZBACH, A. **A invenção do videoclipe: a história por trás da consolidação de um gênero audiovisual**. Curitiba: Appris, 2016.

REGER, J.; HEINTZ, S. The power of song: Music and the construction of a politicized lesbian identity. **Sexuality & culture**, v. 28, n. 1, p. 134–154, 2024.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. [s.l.] Bagoas, 2010.

ROAN, C. **Chappell Roan - Casual (official music video)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AfSjnsYiY_A>. Acesso em: 29 jun. 2024.

SIGILIANO, D.; GUIDA, V.; BORGES, G. Videoclipe e identidade: uma análise de Bluesman. In: **Redes Digitais e Culturas Ativistas 1**. [s.l.] CLEA Editorial, 2022.

SOARES, T. **A estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora Universitária, 2013.

TAYLOR, J. Lesbian Musicalities, Queer Strains and Celesbian Pop: The Poetics and Polemics of Women-loving-women in Mainstream Popular Music. In: S. BAKER, A. B. E. J. T. (Ed.). **Redefining mainstream popular music**. Nova Iorque, NY, USA: Routledge Member of the Taylor and Francis Group, 2013. p. 39–49.

WITTIG, M. The Straight Mind. In: FERGUSON, R.; GEVER, M.; MINH-HA T.; WEST, C. (Eds.). **Out There: Marginalization and Contemporary Cultures**. New York: New Museum of Contemporary Art ; Cambridge, Mass. : MIT Press, 1990. p. 51–57.